

Ilustração Portuguesa



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre—9\$50 Ano 19\$00.
ESTRANGEIRO: Semestre 14\$50.—Ano 29\$00.

NUMERO AVULSO, 30 cavs.

Redação, administração e oficinas: Rua do Século, 49 — 11310

Sapataria **JANUARIO**
Alcance e luxo em todos os generos
pelos mais chics modelos
MEIAS FINAS

78, R. de S.^{ta} Justa, 80



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
o VINHO e XAROPE **DESCHIEMS** (PARIS)
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

PLISSADOS

Em todo o genero, os mais perfeitos
20 anos de pratica

Madame Valente

Onde Barão, 93, 1.^o—Telef. 3845
Cidade: C. do Duque, 3, s/d (ao Porto)

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA—39, R. Corpo Santo, 41

O passado, o presente e o futuro

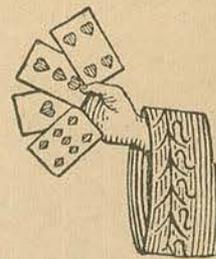
Revelado pela mais celebre chiromante e fisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fiziolegia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lis.
Hor. Consultas a \$500, 4000 e 15\$00.



M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIANT



Tudo escreve no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Com utias todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos p ra resposta.

Caçada da Patriarcal, n.º 2, 1.^o, Esq. (Cimo da rua d'Allegria, prédio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SÉCULO"

Preço: 20 centavos

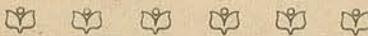
O melhor reconstituinte para adultos e creanças é a

Calcina Triplíce

Os lymphaticos devem preferir a **Calcina com Iodo**; os anemicos, a **Calcina com Ferro**; os astheniados, a **Calcina com ar-rhenol**.

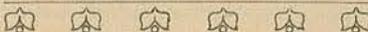
Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA



Trabalhos tipograficos

Rua do Seculo, 43 — LISBOA



Prisão de ventre

Cura-se em poucos dias com as **Agua Minerale de Santa Martha (Ericiceira)** bebendo-se de manhã em jejum quentes a banho-maria e em clisteres tambem a banho-maria, e ás refeições e nos intervalos toma-las a frio.

São as melhores na cura do Estomago, Rins, Fígado, Bexiga, Obesidade, Pele e Purgações.

Deposito Geral

RUA AFONSO D'ALBUQUERQUE, 4
LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 813

Lisboa, 17 de Setembro de 1921

30 centavos



MRS. LIDIG HOYT

Uma das mais decorativas e interessantes figuras da alta sociedade inglesa

CAPA : «Miss Ruby Miller», uma das estrelas cinematográficas mais apreciadas na América

Crónica da Semana

O «SECULO», publicando na sua edição da manhã uma secção em que se consignam os aprimorados requintes da Moda Feminina, merece a nossa maior simpatia, porquanto contribue para que as senhoras, obedientes á despótica deusa, se aformoseiem, mas um reparo ousamos fazer, e esse deriva das legendas que acompanham os interessantes figurinos, e indicando de ordinario trajos de passeio, de baile, de teatro, de jantares mundanos, de festas de muitos generos, todas fora do lar conjugal, e raros, raríssimos, dos que as damas devam vestir de portas a dentro, apenas perante os maridos os paes, os irmãos...

Temos de concluir, pelo visto, que, para esses representantes do sexo feio, elas não precisam enfeitar-se. Será porque contam com os seus atractivos naturaes, será por julgarem que não vale a pena parecer bem áqueles de cuja amizade estão seguras? E' indubitavel que os homens o que mais apreciam nas mulheres das suas familias são os dotes de espirito; supomos, contudo, interpretar a opinião da maioria, afirmando áqueles que se alguns maridos, por exemplo, vissem que para eles as esposas punham nos arrebigues e nos meneos os cuidados que empregam para agradar a estranhos, talvez o numero dos que se extraviam fóra de casa diminuisse consideravelmente.

E' caso para as senhoras meditem.

ALGUMAS maravilhas de Tomar enumeramos na *Crónica* da ultima semana e conservaremos sempre viva a recordação do pouco tempo que passámos na formosa cidade; no entanto, para que futuros *touristes* nos não acusem de optimistas em demasia, aqui fica patente o desejo de que em breve desapareça a nota discordante que nos feriu os sentidos da vista, do ouvido e do olfato: referimo-nos ás pocilgas, que, com seus habitadores proprios, o sr. conde de Tomar conserva nas ruínas do convento de Cristo, em terreno que lhe pertence, como pertence toda a cerca dos freires, não sabemos porque especie de contracto entre o Estado e os ascendentes d'aquelle

titular. Desconhecemos os motivos que o levaram a preferir semelhante local para os seus suinos; devem ser ponderosos, mas é possivel que sua Ex.^a, de cuja cultura não nos atrevemos a duvidar, não se tenha até agora lembrado de que numerosos estrangeiros costumam visitar as belezas da nossa casa e não sairão bem impressionados se encontrarem um dos seus melhores aposentos invadidos por cevados, embora em aristocratica posse

Parece-nos que a simples execução das posturas municipaes afastaria para sitio mais apropriado os porcos do sr. Conde.

NÃO classificaremos de *grêvo* a recusa, por parte dos sub-delegados de saude, ao cumprimento das suas obrigações profissionais, porque são pouquíssimos os que assim teem procedido. E ainda bem que o numero é tão reduzido, para que se não descreia completamente da eficacia da educação e da illustração! Pois estas não ensinam que o exercicio da medicina é um sacerdocio, que com a dôr não se pode mercadejar, que se o socorrer o seu semelhante é dever de todo o homem, esse dever no clinico se sobrepõe a quaisquer considerações e tem de ir até o sacrificio maximo? Julga-se que a vocação para a vida medica se prova no estudante pela indiferença com que ouve gemidos, com que abre um ventre, com que se emporcalha em pus; é engano: o melhor facultativo não será o que tiver a sensibilidade mais embotada, mas o que mais sincera e firmemente se dispuzer á possibilidade do martirio.

NÃO costumamos fazer erratas, mas os nervos obrigam-nos a dizer que na *Crónica* da *Illustração Portugueza* do dia 3 do mez corrente, quando nos referimos ao livrete das criadas de servir, não escrevemos «procurou a autoridade emendar a mão, mas tarde porrem»; escrevemos: «procurou a autoridade emendar a mão mas tarde piou...». Os compositores e os revisores estranharam o calão, muito provavelmente, de onde a duplicação de adversativos. O calão *calha* ás vezes tão bem!



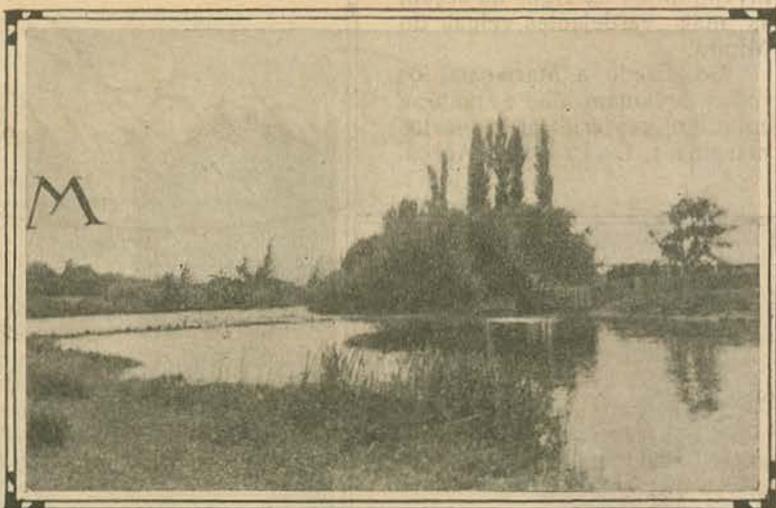
Acacio de Paiva



A PAISAGEM DE THOMAR

por

F. A. Garcez Teixeira



Grandes massas de arvoredo acusam os rodos,
que por detraz delas nos fa em ouvir a sua
triste melo pea

sr. J. Brak Lamy, tanto como uma
fotografia póde faze-lo.

Banhados os seus terrenos por
um rio que apesar do seu curto per-
curso, apresenta em todas as estações
do ano um notavel caudal, não tem



Emoldurada pelo rendilhado do copado arvoredo,
surge a velha edicula templaria

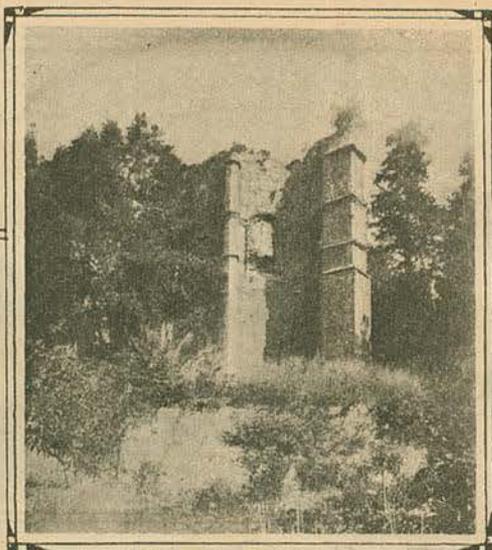


Durante o inverno, os rodos esperam imovels que
a primavera venha reverdecer os choupos que os
cobrem, e anima-los com as aguas levantadas pe-
los açudes

P EQUENINA como é, a cidade de
Tomar não deve deixar de ser
considerada sempre sob os tres
aspectos: monumental, pito-
resco e industrial. Já falámos
ligeiramente dos seus monu-
mentos. Falaremos hoje da sua
paisagem, ou antes, falarão
dela as belas fotografias do distinto amador

inveja, ainda no rigor da acção, ás mais verdejantes veigas do Minho.

Do Prado a Marianaia, os rodos levantam dia e noite a agua que vae fertilisar os hortos marginaes. Do Prado ao Agroal



As heras e as trepadeiras emolduram os finos rendilhados da Casa do Capitulo Incompleta

recedora da atenção dos artistas. Contemple-se o pôr do sol junto á vetusta Igreja de Santa Maria do Olival, quando os rodos arrastam a sua interminavel melopea; faça-se o passeio aos Pegões Altos; admirem-se os magicos efeitos das heras e trepadeiras coleando nos brincados ornatos da Casa do Capitulo incompleta; e termine-se por admirar a soberba vista, da

janela do Castelo, da varzea que se estende da Granja a S. Lourenço. Afiançamos aos nossos leitores, quer sejam artistas, quer sim-



Um canto para pintor

e de Marianaia á Foz, a paisagem, embora de outro genero, não é menos soberba.

Da belesa dos assuntos falam bem as fotografias que apresentamos. A transparencia das aguas, a variedade infinita dos verdes ou vegetação, a cromatica sempre variada dos poentes, nem sequer tentarei descrevê-los. Vinde vê-los.

Mas não é só nas margens do Nabão que a paisagem é me-



Para os amadores da pesca e das boas sombras, o Nabão é o rio ideal



Os açudeiros procedem ao desassorramento do rio, depois de desfeitos os açudes

ples turistas, que conservarão de tantas belêsas naturaes, aliadas a tantos primores artisticos, a mais perduravel e grata recordação.



O ENCALHE DO GRANDE PAQUETE ALMANZORA DA Mala Real Inglesa

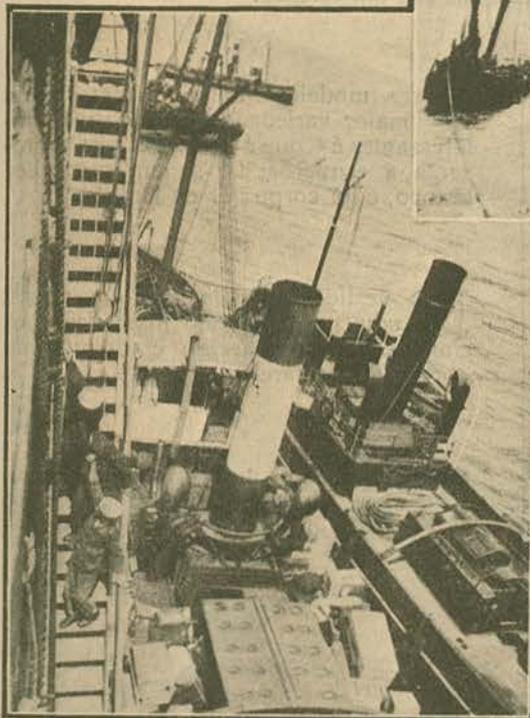


O «Almanzora» encajado.

O grande paquete «Almanzora», da Mala Real Inglesa, um verdadeiro palacio flutuante de 15.550 toneladas, encahou, quando vinha do sul, perto do Bugio, n'um cabedelo de areia e ali permaneceu alguns dias, che-



Rebocadores
recebendo os
passageiros



Um doente descendo a escada de portaló para o rebocador, auxiliado por dois marinhelos.

gando a haver poucas esperanças de o salvar. Rebocadores potentes vindos do estrangeiro conseguiram desenrascar o barco, pondo-o a flutuar, seguindo após viagem para Inglaterra.



Como o grande paquete ficou após as primeiras tentativas de salvamento

TRAJOS SPORTIVOS



Um «kimono» executado em sarja acastanhada e vestido com dupla saia. É notável pela sua simplicidade.

— Bem diferente é o «costume» de setim, ornado a cores brilhantes, que se vê á direita do primeiro.

Um vestido singelo em «crêpe» branco da China, decotado e avivado a côr escarlata.

— Uma combinação nada vulgar de côr «tango», com aplicações de setim preto. As mangas são em refêgos.



ESTES modelos Lauvin oferecem a maior variedade. Um dos mais interessantes é o que a nossa gravura representa á esquerda; faz-se em «organdie» branco, com corpo côr de laranja.

Um vestido de seda azul em riscas, com as cinturas marcadas por cinto do mesmo tecido e ornatos de «organdie» amarela.

Os dois últimos modelos em sarja azul, com cinto e parecendo longos casacos, são do melhor bom gosto.



O vestuário da esquerda é confeccionado com «crêpe» branco. A túnica é debruada e a gola direita. As casas dos botões e o cinto verde claro dão-lhe o necessário realce.

— Outro traje é de seda clara, com aplicações da mesma côr em tons mais escuros.

PARA os vestidos da tarde o «crêpe» preto «georgette» é a moda mais «chic», combinando-se com longas franjas de seda preta.

— Um segundo traje também de «crêpe georgette», mas côr de mostarda, realça com bordados de seda amarela no corpo e na saia.

As mangas em «organdil», num vestido de «tafetás» azul com fitas estreitas azues e brancas, em grade, são uma das criações mais interessantes da casa Lauvin.

A «toilette» de grande luxo da figura sentada é em «crêpe» da China, côr de alfazema, enfeitado com vidrilhos.

A casa Lauvin, pôz novamente em destaque as saias amplas de setim branco crême, bordadas com grandes perolas. A linha da cintura, definida por cintos, aparece em muitas criações desta conhecida casa.

A mistura do vermelho com o branco usa-se muito nas grades de fitas com que se enfeitam alguns trajes. Assim ornado, um vestido preto com mangas de «chiffon» franzidas nos ombros, é duma elegancia suprema.





A
ARTE
A
BELESA
E A
ARISTO-
CRACIA



LINDAS
MULHE-
RES
E
BELOS
NOMES



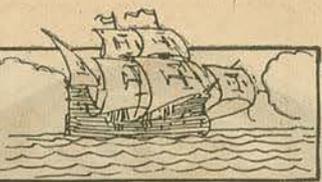
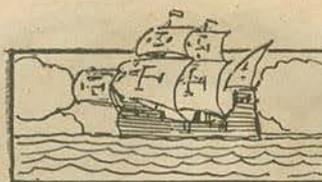
OS
SALÕES



O
TEATRO



1. A atriz Ema de Oliveira, figura popular e muito querida do nosso publico. — 2. Miss Winifred Barnes, atriz que em pouco tempo conquistou um grande e merecido nome. — 3. Betty Hale, chefe de beleza e distincão. — 4. Marilyn Miller, delicada e vaporosa figura de bailarina. — 5. Leonora Hughes, popular da carina de Londres e New-York. — 6. Mary Yardon, uma das estrelas mais brilhantes do céu teatral americano. — 7. Miss Alice Mason, atriz cantora de reputada fama e peregrina beleza. — 8. A Marquiza de San Vicente del Barco, figura da alta sociedade madrilenha e londrina. — 9. Kate Horne, filha do general Lord Horé, que foi uma das gloriosas figuras da guerra. — 10. Jessie Reed, a da beleza estatuarica. 11. — Mildred Sinclair, a graciosa e bela. — 12. — Mauresette, a da graça maravilhosa que a todo o mundo encanta.



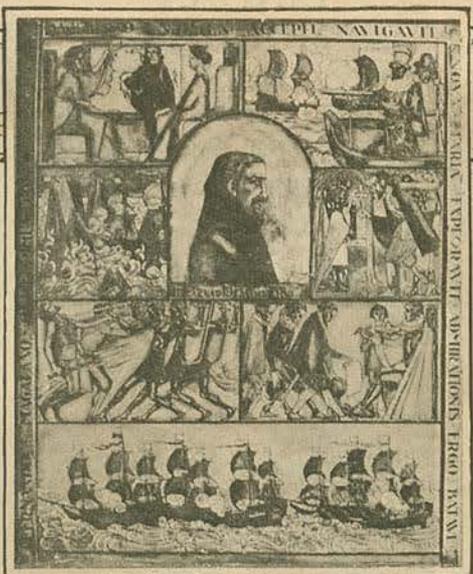
COMO NA HOLANDA SE COMEMOROU

PARA comemorar o 4.º centenario da volta ao mundo scientificamente planeada e levada a efeito pelo imortal portuguez Fernão de Magalhães foi creada em Amsterdam uma «Comissão Fernão de Magalhães» composta pelo Prof. Dr. H. Blink, presidente. J. B. V. D. Houven van Oorot, Vice-presidente. J. de Flines, secretario. K. Marang van Ysselveere, tesoureiro, e M. Knotz e K. Wattel, vogais.

Levaram a effecto sessões solemnes, publicaram artigos nos jornais sobre o assunto e resolveram encarregar Jan Toorop, o maior pintor holandez da actualidade, de pintar um vitral para ser oferecido á Sociedade de Geografia de Lisboa.

Esse vitral tem ao centro o retrato de Fernão de Magalhães e as datas 1480-1421, nascimento e morte do famoso navegador e 1521-1921 passagem do estreito e a actualidade. O resto do vitral é dividido em sete quadros representando o 1.º a audiencia que os Reis de Castela deram a Fernão de Magalhães para ele expor o seu plano. O 2.º a partida de Hespanha, o 3.º um dos enormes temporaes de que a armada foi victima. O 4.º Fernão de Magalhães convertendo um dos Reis das Ilhas Filipinas ao Christianismo. O 5.º a morte de Fernão de Magalhães, pelos habitantes das ilhas de Mactan. O 6.º o regresso de Sebastião Delcanso a Castela e o 7.º os cinco navios de que se compunha a armada.

Em volta tem este vitral a seguinte legenda em latim:



O artista vitral de Jan Toorop

O CENTENARIO DE FERNÃO DE MAGALHÃES

PER FRETUM QUOD AB IP SO NOMEN ACCEPIT NAVIGAVIT NOVA MÃRIA EXPLORAVIT ADMIRATIONIS ERGO BATAVI. ou seja

A FERNÃO DE MAGALHÃES QUE PRIMEIRO NAVEGOU PELO ESTREITO QUE D'ELE RECEBEU O NOME, E NOVOS MARES RECONHECEU EM TESTEMUNHO DE ADMIRACÃO DEDICAM OS HOLANDESES.

Espera em breve a referida comissão enviar este vitral a Portugal, tendo resolvido desde já enviar á Sociedade de Geografia de Lisboa uma fotografia do mesmo vitral e uma mensagem comunicando o facto.

É interessante ver como não esquece que foi um portuguez que tamanho serviço prestou e é ainda mais para apreciar que a Holanda se associa a esse comemorando o 4.º centenario da passagem do Atlantico para o Pacifico, pois que sempre os holandeses procuraram reduzir o brilho das nossas aventuras.

Na mensagem, vê-se, aos quattros cantos, o brazão dos Magalhães, o busto de Fernão de Magalhães, as Armas de Portugal e as da Holanda. O desenhador que iluminou as Armas de Portugal interpretou-as erradamente, pois que ao centro em lugar de cinco quas, collocou-lhe cinco castelos. Logo que recebi esta fotografia, immediatamente me dirigi á Comissão Hollandesa enviando-lhe o desenho das Armas Portuguezas, para que se as tornarem a reproduzir o façam como devem, o que me foi immediatamente agradecido.



Alma Antiga

por

Maria
de
Carvalho



N'aquella tarde de outono, suave e fresca, o velho Mateus sentou-se á porta, no tócco banco de pinho, já polido pelo uso, e começou a fumar tristemente o seu cachimbo.

Da sua casita pobre, empoleirada nas rochas, de frente voltada para o mar, podia encher os olhos contemplativos com a visão grandiosa das aguas revoltas, que o tinham embalado, murmurantes e profundas, até que a velhice viéra amarrá-lo á terra, definitivamente, desconsolado e saudoso.

O mar fóra a sua grande paixão, — enraizada, irreflectida, como todas as paixões veementes; o mar deralhe alegria, trabalho, pão e essa larga vida, elevada e forte, limpa e crente, que fizera reviver nêle a velha alma portugueza, procurando sempre no mar aventuras e glorias, fascinado, seduzido pela magestosa solidão dos Oceanos.

O mar, aos olhos do rude marinheiro, tinha aspectos sempre novos, ora nas suas coleras soberbas, ora na sua olimpica serenidade. Tão belo lhe parecia ao romper da alva, assetinado e preguiçoso, como ao pôr do sol, afogueando-se fremente.

Em noites claras, ficava-se absorto, fitando a esteira de luz que a lua desdobrava nas ondas, e recordava, com a saudade infinita dos que se aproximam da eternidade, os anos fugidios da sua robusta juventude.

A' tarde, sentava-se no banco de pinho, para ver o sol atufar-se nas vagas e, silencioso, fumava o seu cachimbo, enquanto a irmã, com quem vivia, já velhinha também, fazia-me a, perto da janela.

Naquella tarde de outono o rosto enrugado, energico e trigueiro do tio Mateus, vincava-se mais, abatido, cheio de tristeza e de cuidados.

Os seus olhos negros, ainda vivos, abandonavam a serena e doce contemplação do mar e do ceu, para se fitarem inquietos n'uma casa de azulejo, vasta e simples, que além, para o norte, erguia, também sobre as rochas, a sua face de tranquila abastança.

A maior afeição de Mateus depois do mar, ou, por assim dizer, com o mar confundida nas mesmas recordações, nas mesmas lutas, nas mesmas saudades, estava n'aquella casa, e breve estaria n'uma outra morada de onde não se volta.

O comandante Vieira agonizava, sob as lagrimas da mulher e dos filhos, que só tinham disfrutado da longa vida d'esse homem, uns escassos e alquebrados anos de velhice.

A grande paixão do mar, que dominava a alma rustica de Mateus, arrastára também a do comandante para longinquas viagens e nem a ternura da mulher, nem a saudade dos filhos, nem o concheço do lar, conseguiram rete-lo.

Luiz Vieira e Mateus tinham nascido n'essa agreste e melancolica praia coroada de rochedos escarpados, batida pelas ondas espumantes, lavada pelo vento norte.

Luiz era filho do medico, Matheus dum pobre pescador.

Brincaram juntos, n'uma rude e despreocupada infancia, nadando como peixes, trepando ás rochas, rolando na areia, crestados pelo sol, azéis, robustos, alegres.

Luiz devia ser medico, como o pai; Mateus, pescador. Mas ambos energicos, decididos, adoravam o mar e sonhavam com mais largo destino.

Aos vinte anos Luiz era guarda-marinha e Mateus grumete. Desde então serviram juntos. Ligava-os uma solida e profunda amizade, que os equalava sem quebra de disciplina, que os unia lealmente, sem humilhações, sem faltas de respeito, na mais alta e facil comprehensão do dever e da estima viril.

Juntos cruzaram todos os mares, n'uma clara e trabalhada vida, lutando com as tempestades, resistindo a todos os climas, sorrindo a todos os céus.

A terra prendia-os algumas vezes, no laço das afeições de familia, em rapidas aventuras amorosas, exóticas conquistas, combates com indigenas.

Mas a alegria sincera, a vida intensa e apetecida, estava para eles nas táboas ligeiras que os conduziam através das vagas, onde não conheciam aborrecimento, onde a fadiga era só, o ar puro, o horizonte illimitado.

Foi assim que Mateus se habituou a considerar o mar e o seu comandante, o seu comandante e o mar, como a unica razão da sua existência, como o eixo em torno do qual giravam todos os seus pensamentos e todos os seus affectos.

Quando a velhice os pregou emfim á terra, quando o mar desdenhoso, repeliu os seus braços enfraquecidos, o comandante Vieira e o marinheiro Mateus recclheram á praia melancolica da sua infancia, e como aves maritimas empoleiraram nas rochas os seus ninhos solitarios.

Davam longos passeios vagarosos, trocando recordações e saudades, revivendo o passado e escutando o soluçar das ondas.

Um dia, quando Mateus ba'e'u á porta do comandante foi a senhora que lhe appareceu corosa. O marido tivera um ataque, na vesp'ra á noite, ficára de cama, lucido mas sem fala e com um braço inerte.

O marinheiro subiu para vêr o comandante. Oprimido e silencioso, apertou-lhe a mão válid, que n'um gesto decidido e calmo lhe disse claramente:

— Estou pronto.

Mateus retirou-se de cabeça baixa, passo incerto, com um nó de aflicção apertado-lhe a garganta.

No dia seguinte veio saber do comandante, mas já não poude vê-lo. O doente p'eorára e o medico tinha ordenado absoluto repouso.

SAUDADE

(INÉDITOS)

I



E' um «film» imaginario e multicolor
Que se desdobra lento!... E onde perpassa
Com vida e movimento, a voz e graça,
O nosso icolatrado e ausente Amor!...

Renascendo da cinza, ao seu calor
O Passado ressurgue e nos abraça;
E em volta de nós palpita, esvoaça
Em frémitos de gozo e ais de dôr!...

Mas dôr que nos conforta e nos acalma!...
Sorriso esmaecido! .. E poderemos
De joelhos chamar-lhe docemente,

Ressurreição aos olhos da nossa alma
De tudo quanto amamos e perdemos
Ou se encontra distante... longe... ausente!



II

Já tentei traduzir-lhe a essencia. E agora,
Como hei-de definir essa beleza
Alada e musical, («só portuguesa!...»)
De palavra sem par que canta e chora?...

Saudade!... Aria-oração que a gente reza
Com acordes de pranto a toda a hora!...
Não sei que mais dizer, confesso!... Embora!
Tentarei dar-lhe fórmas, côr, grandeza!

E' roxa a sua côr?... Triste!... Discreta!...
E' uma divina e espiritual Violeta
Que não murcha na haste ressequida!...

Sim!... Violeta imortal, cuja corola
D'ansiedade e ternura, nos consola
Acompanhando á morte a nossa vida!...

III

E é joia tambem. Nenhum diadema
Egual a seu valor!... E' um tesoiro
Sem pedrarias entre garras d'oiro;
Mas joia d'Alma da mais pura gema!...

Não será muito justo, assim, que eu tema
Compará-la «às visiveis», sem desdôiro
P'ra Ela que se e conde do sol loiro
E vale por si só, ai!... um poema?...

Mas achei nome raro, e eu me contento
Com ele e alvorçada mesmo o aceito,
Pois fico-lhe chamando... — Belo?... — Não?...

— Perola Negra ideal do Sentimento,
Que se esconde no cofre uso-Peito,
Engastada no nosso coração!...

Esmeralda de Santiago

O marinheiro voltou a casa arrastando os pés, e sentou-se cansado, no banco tóscico, fumando o cachimbo e fitando os olhos embaciados nas janelas de Luiz Vieira.

A tarde de outono arrefeceu, o mar quebrava-se nas rochas, erguendo a voz potente. O sol escondia-se no horizonte incendiado.

Era já noite quando a irmã conseguiu arrancá-lo d'aquela dolorosa meditação.

Mateus deitou-se ardendo em febre. De manhã não se levantou, nem perguntou pelo comandante. Obstinadamente silencioso não quiz comer e todo o dia pareceu dormir febril e enfraquecido.

A noite correu-lhe lenta, n'um sonho vago, em que se julgava a bordo, ouvindo ordens vibradas pela voz varonil do comandante.

A claridade do dia reanimou-o um pouco. Pediu á irmã que lhe abrisse a janela para vêr o mar e o sol e ficou-se depois calado e quieto, com os olhos perdidos no azul do Oceano e no azul do ceu.

Ao meio dia, no ar sereno, ressoou nitido o bronze d'um sino. Tocava a finados.

Mateus abriu muito os olhos, palido como um defunto, e perguntou á irmã:

— Quem morreu?

A pobre, na sua rustica ingenuidade sincera, respondeu-lhe chorando:

— Foi o sr. comandante.

O marinheiro arquejou um instante, angustiado e murmurou com voz sumida:

— E' tempo de eu ir abalando tambem.

Aquela grande alma, dedicada e simples, já tardava, como á do conde de Avrauches, ir na eternidade servir a do seu comandante.

Aconchegando-se na roupa, Mateus fechou os olhos.

A irmã curvou-se para ele assustada.

Estava morto.

O SEGREDO DO "CHIC"

A moda, soberana prestigiosa a que a humanidade se curva submissa, maliciosamente recolhida no misterio outonal, sorri, interessada e travessa, ás impaciencias da *coquetterie* feminina que tenta penetrar nos dominios encantados onde a caprichosa medita e trabalha, para ali surpreender as originalidades e ousadias que presidirão á elegancia invernal.

Esses arcanos maravilhosos não são acessiveis ao esforço humano. A teia tenue e doirada que os defende como muralha forte, resiste impavida e firme ao ariete



da curiosidade, que baldadamente investe contra ela, a tentar derrubá-la, franqueando-se a passagem para esse ignoto que a seduz e atrai.

Mas, de quando em quando, n'um movimento generoso, a deusa da elegancia anue a apasiguar as efervescencias da curiosidade excitada facultando uma revelação inedita, erguendo a furto um canto do véo diafano que envolve as suas creações. N'este instante chegamos aos ouvidos atentos o murmuro d'uma novidade.

Anuncia-se como supremo «chic», os conjuntos de «toilette» inteiramente brancos em que um vestigio de pele «singe» põe uma nota de destaque forte

E foi esse estontamento da côr branca que presidiu á composição destas duas primorosas «toilettes», a primeira em «georgette» e «charmeuse» branco perola, a segunda em «crepe marocain» branco, em que a larga barra da tunica bordada a ouro, sobrefundo «tête de négre», sobresaie n'uma sumptuosidade supremamente distinta.

1. A se. D. Maria Emilia Gaspar Valadas que em Angra do Heroísmo se ca-



sou com o sr. Antonio Pereira.—2. sr. José Cândido Godinho, que se casou em Setúbal com a sr. D. Ma-



ria do Carmo Viegas.—3. O sr. Johan Voetelneck que ultimamente passou em Portugal.—4. A professora de piano sr.ª D. Maria de Jesus Ferreira Gonçalves que ultimamente realizou uma audição.—5. A Exposição de frutas na nossa sucursal do Rocío.—6. Grupp



de conimbricenses, ha anos residentes na Africa Oriental e que presentemente se encontram no continente.

(«Cliché» Pinharanda)

Vida Sportiva

OS VENCEDORES DA ULTIMA
CORRIDA
DE
NATAÇÃO

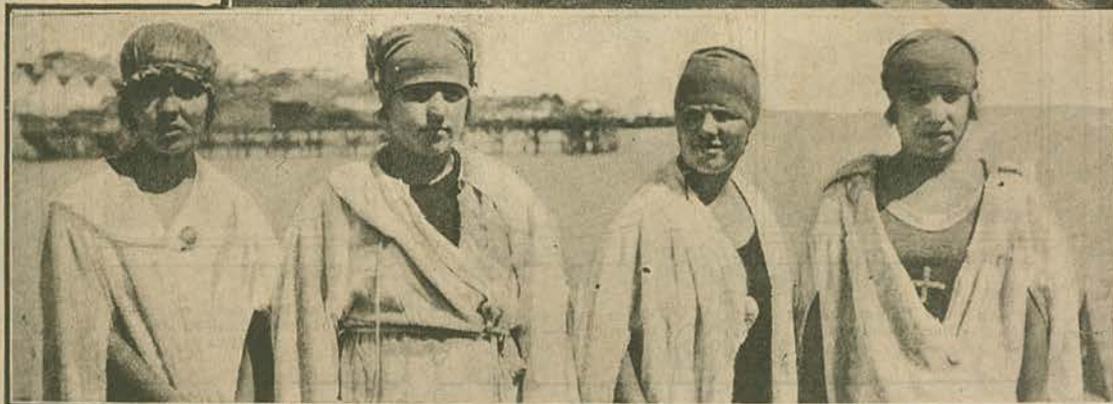
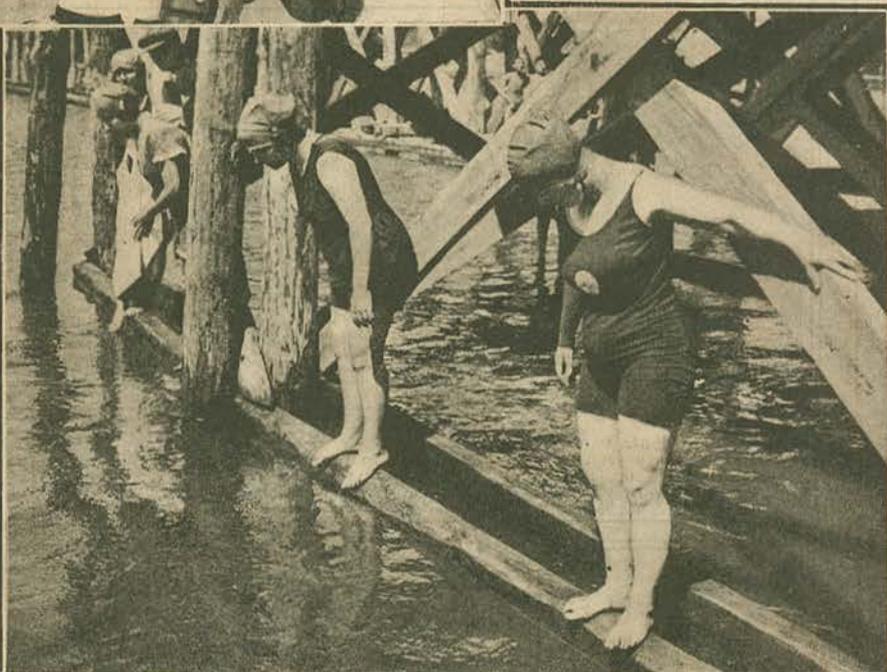


O Campeonato militar de esgrima. A «equipe» vencedora de 1920 e a «equipe» vencedora d'este ano.

(«Cliché» Garcez)



A prova de natação de Lisboa. Travessia de Xabregas a Algés. As nadadoras lançam-se à água em Xabregas.



As nadadoras que tomaram parte na «Travessia de Lisboa». D. Margar'da Pala, D. Maria-Natalia de Almeida, D. Maria José Valente e D. Augusta Graça. («Cliché» Garcez)

OS NOVOS DEPUTADOS



João Ribeiro Cardoso
«liberal»—Tomar



Raul Monteiro Guil-
marães—«liberal»
Viana do Castelo



Antonio Augusto Tava-
res da Silva—«liberal»
Aveiro



Dr. Mário Moniz Pam-
plona Ramos—«refor-
mista»—Angra do He-
roísmo



Alberto David Bran-
quinho—«liberal»
Tomar



Paulo Ilmpo de Lacerda
«democratico»—Beja



Antonio Calem Junior
«liberal»—Porto



Vasco Borges—«de-
mocratico»—Guarda



José Paes de Vasconce-
los Abranches—«liberal»
Elvas